

## AS METODOLOGIAS ATIVAS NO ENSINO RELIGIOSO EM ESCOLAS CONFESSIONAIS LUTERANAS DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

Daniela Hack <sup>1</sup>  
Adenildo Godoy Barbosa <sup>2</sup>

### RESUMO

A Base Nacional Curricular Comum estabelece seis competências gerais a serem desenvolvidas no Ensino Religioso ao longo do Ensino Fundamental e sugere indicativos metodológicos que devem permear a prática pedagógica. Nesse contexto, as metodologias ativas se apresentam como abordagens inovadoras e que atendem ao proposto na legislação, promovendo o protagonismo discente sobre a aprendizagem e a colaboração na construção do conhecimento. Este trabalho reflete como as metodologias ativas estão presentes no Ensino Religioso em escolas confessionais luteranas pertencentes à Rede Sinodal de Educação do Rio Grande do Sul. Para isso, faz uso de pesquisa bibliográfica, tomando por base a legislação e os referenciais do Ensino Religioso. Já a compreensão de metodologias ativas parte do proposto, em especial, por José Moran (2018), Fausto Camargo e Thuinie Daros (2018) e Andrea Filatro e Carolina Cavalcanti (2018). O trabalho também se utiliza de pesquisa documental e de campo, incluindo aplicação de questionário com docentes de Ensino Religioso das referidas escolas. Dentre os resultados obtidos, percebe-se que os indicativos metodológicos propostos pela legislação estão em desenvolvimento. As metodologias ativas citadas na literatura não aparecem com destaque nos planos de estudos, contudo seus princípios essenciais já ocupam espaço significativo na prática docente em Ensino Religioso.

**Palavras-chave:** Metodologias ativas, Ensino Religioso, Escolas luteranas, Rede Sinodal de Educação.

### INTRODUÇÃO

O Ensino Religioso é uma área de conhecimento que integra a formação básica no Brasil. Ao lado das demais áreas do saber, ele possui aprendizagens e competências a serem desenvolvidas, orientações metodológicas e critérios de avaliação. Ao mesmo tempo, ainda há muitas dúvidas sobre esse componente. Na educação pública, com certa frequência ele é campo de disputa entre confissões religiosas, que buscam convertê-lo em espaço missionário e proselitista.

A Base Nacional Curricular Comum (BNCC) assegura para o Ensino Religioso o mesmo tratamento pedagógico que as demais áreas do saber. Ela estabelece seis competências gerais a serem desenvolvidas no Ensino Religioso ao longo do Ensino

---

<sup>1</sup> Aluna do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Metodologia do Ensino Religioso, do Centro Universitário Internacional, Uninter – PR, [hack.daniela@gmail.com](mailto:hack.daniela@gmail.com); Pesquisa realizada como trabalho de conclusão do curso.

<sup>2</sup> Professor orientador: Especialista em Ética e Filosofia, Centro Universitário Internacional, Uninter - PR, [godoyadenildo@gmail.com](mailto:godoyadenildo@gmail.com).

Fundamental e sugere indicativos metodológicos que devem permear a prática pedagógica. Nesse ínterim, as chamadas metodologias ativas se apresentam como metodologias inovadoras e que atendem ao proposto na BNCC, promovendo o protagonismo discente sobre a aprendizagem e a colaboração na construção do conhecimento.

O presente trabalho busca perceber a presença (ou não) das metodologias ativas na prática do Ensino Religioso, partindo em especial do contexto das escolas da Rede Sinodal de Educação (RSE), ligadas confessionalmente à Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB). Para isso, reúne os referenciais do Ensino Religioso, em conexão com a legislação nacional e estadual e a BNCC; apresenta conceituação de metodologias ativas e *inov-ativas*; e reflete sobre a compreensão, utilização e desafios das metodologias ativas no Ensino Religioso a partir da visão docente e de propostas curriculares. Para tanto, conta com pesquisa bibliográfica, documental e de campo, incluindo aplicação de questionário com docentes de Ensino Religioso do 8º ano do Ensino Fundamental.

Dentre os resultados obtidos, percebe-se que os indicativos metodológicos propostos pela legislação estão em desenvolvimento no Ensino Religioso. Outro aspecto identificado é que, embora as metodologias ativas citadas na literatura ainda não estejam em destaque nos planos de estudos, seus princípios essenciais já ocupam espaço na prática docente em Ensino Religioso. Há variedade de metodologias utilizadas nas aulas e preocupação docente com o protagonismo discente e seu desenvolvimento integral.

## **O ENSINO RELIGIOSO NA REDE SINODAL DE EDUCAÇÃO**

Desde 1997, o Ensino Religioso é componente curricular obrigatório, com matrícula facultativa, e deve ser oferecido nos horários normais das escolas de Ensino Fundamental (Lei 9.394/96 e Lei 9.475/97). No Rio Grande do Sul, conforme o artigo 209 de sua Constituição, ele também é obrigatório nas escolas públicas de Ensino Médio. A mesma legislação prevê que o Ensino Religioso deve assegurar o respeito à diversidade cultural religiosa existente no país, sendo proibido fazer proselitismo.

Ao mesmo tempo, as redes de escolas privadas e comunitárias possuem autonomia para desenvolverem o seu projeto político-pedagógico a partir de ideologias e aspectos confessionais específicos, o que inclui o Ensino Religioso. Esse princípio foi especialmente endossado pela resolução do Supremo Tribunal Federal em 2017, por meio da Ação Direta de Inconstitucionalidade 4.439/17, e ratificado no estado do Rio Grande

do Sul em 2018 por meio de parecer do Conselho Estadual de Educação (CEEEd-RS 345/18).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), por sua vez, reconhece o Ensino Religioso como uma das cinco áreas do conhecimento e indica que ele deve desenvolver, em especial, seis competências durante o Ensino Fundamental:

1. Conhecer os aspectos estruturantes das diferentes tradições/movimentos religiosos e filosofias de vida, a partir de pressupostos científicos, filosóficos, estéticos e éticos.
2. Compreender, valorizar e respeitar as manifestações religiosas e filosofias de vida, suas experiências e saberes, em diferentes tempos, espaços e territórios.
3. Reconhecer e cuidar de si, do outro, da coletividade e da natureza, enquanto expressão de valor da vida.
4. Conviver com a diversidade de crenças, pensamentos, convicções, modos de ser e viver.
5. Analisar as relações entre as tradições religiosas e os campos da cultura, da política, da economia, da saúde, da ciência, da tecnologia e do meio ambiente.
6. Debater, problematizar e posicionar-se frente aos discursos e práticas de intolerância, discriminação e violência de cunho religioso, de modo a assegurar os direitos humanos no constante exercício da cidadania e da cultura de paz. (BRASIL, 2018, p.437)

Em termos de metodologia do Ensino Religioso, a BNCC indica que:

No Ensino Fundamental, o Ensino Religioso adota a pesquisa e o diálogo como princípios mediadores e articuladores dos processos de observação, identificação, análise, apropriação e ressignificação de saberes, visando o desenvolvimento de competências específicas. Dessa maneira, busca problematizar representações sociais preconceituosas sobre o outro, com o intuito de combater a intolerância, a discriminação e a exclusão. (BRASIL, 2018, p.436)

Essas diretrizes vão na mesma direção do que já orientavam os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Religioso (PCNERS). Enquanto área do saber, entende-se que o Ensino Religioso trata do conhecimento religioso, a fim de que o aluno e a aluna construam significados sobre si, sobre a outra pessoa, sobre a vida e sobre o Transcendente. Esses significados são construídos “a partir das relações que o ser humano estabelece entre o objeto a conhecer e suas possibilidades de observação, de reflexão e de informação que já possui” (FONAPER, 1997, p.39-40).

O Referencial Curricular Gaúcho para o Ensino Religioso ratifica os entendimentos presentes nas diretrizes nacionais e reforça a construção da identidade discente como uma das finalidades do Ensino Religioso na escola, bem como a importância das vivências e práticas nesse processo. O mesmo referencial ressalta que a proposta curricular nele apresentada pode ser reorganizada conforme as realidades locais, bem como “a abertura às redes privadas confessionais a desenvolverem suas especificidades” (RIO GRANDE DO SUL, 2018, p.52).

A Rede Sinodal de Educação (RSE) é uma associação de escolas comunitárias, confessionais e filantrópicas, com presença predominante na região sul do Brasil. Atualmente, é formada por 50 instituições de ensino, da Educação Infantil ao Ensino Superior. Possui vínculo histórico e confessional com a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) e a maioria de suas escolas tem origem na imigração alemã, a partir do século XIX.

No que tange ao Ensino Religioso, a Rede Sinodal articula a legislação com seus princípios confessionais por meio do “Referencial Curricular para o Ensino Religioso *Fé e Vida*”. Este está alinhado com as Diretrizes da Política Educacional da IECLB, documento que expressa a compreensão de educação e de Ensino Religioso assumida pela igreja à qual essa rede está vinculada:

A Educação é compromisso fundamental da Igreja. (...) Na prática do Ensino Religioso, devemos ter abertura para o diálogo inter-religioso e a vivência ecumênica. Para isso, precisamos ter clareza da própria identidade e da confessionalidade evangélico-luterana. O Ensino Religioso tem como meta a proposta e a busca por uma vida plena e justa. Essa meta está presente na sala de aula, mas também no modo como o educador ou a educadora veicula o saber, seja através do planejamento, da seleção de conteúdos, da escolha do método de trabalho, do posicionamento frente às questões existenciais que fazem parte do cotidiano. (IECLB, 2003, item 3.5)

O Referencial *Fé e Vida* orienta que a religiosidade e os conteúdos cristãos com viés confessionais luteranos devem perpassar o todo da escola. Assim, considera “o Ensino Religioso, ao lado dos momentos celebrativos e das atividades da Pastoral Escolar, como elemento essencial, enfim, básico para a formação do cidadão e da cidadã” (SCHNEIDER; WACHS; BOCK, 2019, p.9).

Quanto aos aspectos metodológicos, o documento dá indicativos:

Entendemos que o Ensino Religioso deve ser abordado a partir da pessoa – da criança, do adolescente, do jovem, enfim, do grupo da sala de aula, observando a faixa etária, a linguagem, o desenvolvimento da fé e a identidade do grupo. Para tal, é fundamental realizar diagnósticos constantes de cada turma, pois a escola pode ter 16 turmas e 16 culturas diferentes. O que não muda de uma turma para outra devem ser os princípios da Rede Sinodal de Educação, que condizem com a ética, o diálogo, o cuidado, a solidariedade, a comunhão e outros que dignificam a vida humana e a natureza. (SCHNEIDER; WACHS; BOCK, 2019, p. 18)

A análise desses documentos aponta que o Ensino Religioso desenvolvido na Rede Sinodal possui características da chamada Educação Religiosa. Segundo Karin Willms, “as escolas confessionais possuem uma preocupação com a formação do ser humano, para além das questões acadêmicas, mas não as deixam de lado, conciliando os

saberes escolares ao ensino de valores ligados à religião professada pela instituição” (2019, p.4-5).

Outro aspecto é a presença de elementos dos modelos de Ensino Religioso *interconfessional ou ecumênico e aconfessional*, a partir das Ciências da Religião<sup>3</sup>. Isso não significa necessariamente um conflito, na medida em que um pode ter elementos de outro(s), sendo “melhor entendidos se vistos como tendo um grau de aproximação” (COSTA, 2017, p.185). Por conseguinte, a percepção da presença de concepções diferentes no Ensino Religioso pode qualificar a reflexão epistemológica, a formação docente e as abordagens metodológicas desse componente.

## AS METODOLOGIAS ATIVAS

As metodologias ativas são aquelas que têm por objetivos a participação ativa de todas as pessoas envolvidas no processo de ensino e aprendizado. Fausto Camargo e Thuinie Daros explicam que:

As metodologias ativas estão alicerçadas na autonomia, no protagonismo do aluno. Têm como foco o desenvolvimento de competências e habilidades, com base na aprendizagem colaborativa e na interdisciplinaridade. Assim, as metodologias ativas de aprendizagem proporcionam: desenvolvimento efetivo de competências para a vida profissional e pessoal; visão transdisciplinar do conhecimento; visão empreendedora; o protagonismo do aluno, colocando-o como sujeito da aprendizagem; o desenvolvimento de nova postura do professor, agora como facilitador, mediador; a geração de ideias e de conhecimento e a reflexão, em vez de memorização e reprodução de conhecimento. (2018, p.46)

Nesse sentido, as metodologias ativas diferem das denominadas “metodologias passivas”, onde os estudantes e as estudantes recebem passivamente o conhecimento, em geral por meio de aulas majoritariamente expositivas. As metodologias passivas têm como centro a figura docente, que “transmite” o que aprendeu ao longo de anos de estudo aos alunos e às alunas. Elas são predominantes no modelo tradicional de educação, chamado por Paulo Freire de “educação bancária”.

Ao mesmo tempo, a aprendizagem por meio de métodos passivos, como uma palestra ou uma leitura, permanece importante, mas as metodologias ativas com base no compartilhamento e no questionamento, por exemplo, tornam-se essenciais para a

---

<sup>3</sup> Na História do Ensino Religioso no Brasil são considerados três modelos principais de Ensino Religioso escolar: a) o modelo confessional ou catequético, mais antigo, normalmente cristão; b) o modelo ecumênico, interconfessional, inter-religioso, ético ou teológico, onde são desenvolvidos valores e conhecimentos cristãos mais amplos; e o modelo das Ciências da Religião, aconfessional, mais recente e em construção no país. (COSTA, 2017, p.185.)

aprendizagem efetiva. Cada um e cada uma aprende de formas diferentes e “a aprendizagem tende a ser significativa de acordo com o que é mais relevante para cada pessoa e que propicie conexões e emoções com o que está sendo estudado” (GAIO, 2022, p.5). A partir dessa perspectiva é que as metodologias ativas podem contribuir significativamente nos espaços educacionais, em especial o escolar.

Conforme José Moran (2018), algumas técnicas ou metodologias ativas que podem ser desenvolvidas nos anos finais do Ensino Fundamental são a aula invertida, a aprendizagem baseada na investigação e em problemas, a aprendizagem baseada em projetos e a aprendizagem por histórias e jogos. Em geral, as metodologias ativas estão ligadas às tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC), contudo o seu uso não é obrigatório.

As metodologias ativas possuem forte relação com a inovação. Nesse sentido, Andrea Filatro e Carolina Cavalcanti reúnem as diferentes metodologias sob o conceito de “*metodologias inov-ativas*” e as organizam em quatro grupos, conforme o nível de autonomia discente e a profundidade de inovação - que vai além da tecnológica, que cada metodologia propõe:

*As metodologias ativas focam os papéis desempenhados no processo e as atividades realizadas por eles. As metodologias ágeis focam o elemento ‘tempo’, que envolve tanto a duração pontual das atividades de aprendizagem propostas quanto seu desdobramento em uma linha do tempo. As metodologias imersivas se apoiam intensamente em mídias e tecnologias. E as metodologias analíticas se ocupam mais da avaliação. (FILATRO; CAVALCANTI, 2018, p.4-5. Grifos da autora.)*

A partir dessa classificação, compreende-se que as metodologias ativas dependem essencialmente da atuação humana (professores e professoras, alunos e alunas, famílias, comunidade, especialistas). As metodologias ágeis, imersivas e analíticas, por sua vez, têm maior dependência das mídias e tecnologias digitais, tendendo, portanto, a serem mais disruptivas. Todas, no entanto, colocam o ser humano no centro do processo educacional e podem influenciar-se mutuamente.

Ao mesmo tempo, as metodologias ágeis e analíticas aproximam-se da educação corporativa e administrativa, focando em questões como prazos, resultados e custo-benefício. Já as metodologias ativas e imersivas são as mais utilizadas no contexto escolar e universitário, que possuem como atividade-fim o ensino e têm uma organização de tempo e espaço mais definida. (FILATRO; CAVALCANTI, 2018, p.4-7)

Como exemplos de metodologias ativas, Filatro e Cavalcanti citam a aprendizagem baseada em problemas, a aprendizagem baseada em projetos, o movimento

*maker*, a instrução por pares, alunos e alunas como designers e o *design thinking*. Dentre as metodologias imersivas que podem ser exploradas nos espaços educacionais, as autoras sugerem a realidade virtual, a realidade aumentada, os jogos e a gamificação.

## **METODOLOGIA**

A investigação realizada tem abordagem metodológica qualitativa, incluindo pesquisas do tipo bibliográfica, documental e de campo. A pesquisa documental incluiu análise da proposta curricular anual do Ensino Religioso do 8º ano do Ensino Fundamental de três escolas da Rede Sinodal de Educação do Rio Grande do Sul, delimitando, assim, a abrangência da pesquisa.

Já a pesquisa de campo considerou como ferramenta de coleta de dados a aplicação de um questionário escrito com perguntas abertas, fechadas e mistas para o professor ou a professora desse componente e ano do ciclo escolar nas três escolas. A ferramenta utilizada para colher as respostas foi a Google Forms e o link de acesso foi enviado direta e individualmente por e-mail para cada docente, conforme os endereços fornecidos pelas escolas. Ao todo, quatro docentes participaram da pesquisa, identificados com as siglas D1, D2, D3 e D4.

As pesquisas documental e de campo foram realizadas em dezembro de 2022, após contato prévio com a Direção Executiva da Rede Sinodal e com as escolas envolvidas, e a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Uninter, por meio da Plataforma Brasil.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Com base na conceituação proposta, três das quatro pessoas docentes participantes da pesquisa compreendem que fazem uso de metodologias ativas nas aulas de Ensino Religioso. Uma delas explica que a pandemia por COVID-19 impulsionou esse uso: “Durante a pandemia, com a implementação das aulas remotas, utilizei vários recursos tecnológicos, como, por exemplo, *kahoot*, *wordwall*, *pear deck*, *nearpod* e recursos Google (apresentação de slides, formulários, documentos)”. (D1)

Entre as opções estimuladas de resposta para as metodologias ativas utilizadas, a sala de aula invertida, o debate e a pesquisa de campo são as mais citadas, seguidas por aprendizagem baseada em problemas, aprendizagem baseada em projetos, estudo de caso,

gamificação e seminário. Além dessas, são mencionadas de forma espontânea visitas, passeios, Bibliolog, rodas de conversa, vídeos reflexivos e histórias bíblicas como condutores de diálogos, Círculos de Construção de Paz.

Nas propostas curriculares observadas, percebe-se que as metodologias ativas presentes na literatura não são citadas de forma explícita. Contudo, os planos mencionam grande diversidade de abordagens, como, por exemplo: projeto solidário, campanha de solidariedade da escola, Bibliolog, visitas e entrevistas, dramatizações, produções textuais, trabalhos artísticos, dinâmicas de integração, pesquisa individual e em grupo, leitura de texto com perguntas para responder, diálogos. Além disso, percebe-se variedade nos recursos utilizados, tais como: jornais, vídeos, filmes, ilustrações, reportagens, cantos, fotos e relatos de viagem, dobradura, presépio, histórias bíblicas e não-bíblicas, quadro, livro didático.

A concepção do aluno e da aluna como protagonista é um aspecto presente tanto nas respostas do questionário quanto nas propostas curriculares. Ainda que os instrumentos da pesquisa indiquem que as metodologias ativas citadas na literatura não têm predominância na proposta curricular do Ensino Religioso e na compreensão docente das escolas pesquisadas, o protagonismo discente, princípio fundamental das metodologias ativas, tem espaço prioritário na práxis desse componente.

Outro ponto é a preocupação para que os conteúdos estejam relacionados à vida do aluno e da aluna e sua participação social. Uma das respostas docentes exemplifica isso: “Praticamente construo os conceitos e valores a serem trabalhados junto aos alunos. Eles trazem o seu ponto de vista, o seu conhecimento e, a partir deste, formamos um novo todo!” (D3) Essa preocupação vai na direção da natureza e história do Ensino Religioso, ligado à relação da pessoa consigo mesma, com as outras pessoas e com o Transcendente, possuindo como um de seus eixos de estudo o Ethos, ou, como é comumente chamado, o “ensino de valores”.

Como benefícios da utilização de metodologias ativas, as respostas docentes indicam a aprendizagem integral, o protagonismo discente e a relação com a vida. Uma das pessoas participantes afirma: “Acredito que as metodologias ativas no ensino religioso são importantes, pois oferecem espaços para que o aluno possa perceber a vida, os valores e a formação do ser humano [a partir] de outras perspectivas.” (D2) Outra resposta destaca que elas “envolvem o aluno como um todo, (...) exigem a participação física além da mental” (D3).



A relação com a vida pode ser considerada um ponto em comum entre as metodologias ativas e o Ensino Religioso. Reconhecer e cuidar de si, da outra pessoa, da coletividade e da natureza, e construir sentidos pessoais de vida a partir de valores éticos e de cidadania são indicativos presentes nos objetivos e competências do Ensino Religioso conforme a BNCC. Quanto a isso, Laude Brandenburg destaca: “A pesquisa e a metodologia em ER não são neutras, elas possuem intencionalidade política no sentido de compromisso com o real, com a vida da cidade e de cidadãos e cidadãs.” (2017, p.306) Por conseguinte, a aprendizagem ativa mais importante é aquela ligada à vida, suas necessidades, expectativas e projetos.

As respostas docentes também apontam dificuldades. Estas se referem tanto ao acesso às ferramentas (equipamentos, softwares, internet), quanto à habilidade necessária para utilizá-las em aula. O uso de tecnologias digitais é o fator apontado pela pessoa participante da pesquisa que ainda não usa metodologias ativas nas aulas. Segundo ela, o fato de “não conhecer técnicas digitais adequadas” impede o uso de metodologias ativas nas aulas. Ao mesmo tempo, entende que “estudantes querem este tipo de aulas”, por isso tem interesse em “aprender para praticar” (D4).

Uma das respostas menciona desafios quanto às metodologias ativas de cunho “analógico”, ou seja, aquelas que não necessitam de tecnologias digitais. Segundo ela, “a falta de adesão de parte dos alunos e as questões disciplinares tornam-se em dificuldades para o trabalho efetivo” (D1). Esse aspecto tem relação direta com a participação ativa de alunos e alunas, princípio essencial das metodologias ativas. Sem essa participação, elas adquirem outro sentido ou, ainda, perdem o seu propósito. A compreensão e o interesse discentes são condições necessárias para que se engajem e exercitem a liberdade e a autonomia necessários aos processos que vivenciam (BERBEL, 2012, p.29). Dessa forma, é essencial a avaliação contínua sobre as metodologias utilizadas, pois estimular o protagonismo estudantil significa priorizá-lo também nas decisões metodológicas.

Outro desafio mencionado é a falta de tempo para planejar as aulas:

Acredito que para desenvolver uma boa metodologia ativa você precisa de tempo para planejar a aula. Então um dos desafios que vejo é que nem sempre os professores acabam tendo tempo suficiente para preparar uma boa aula na escola, o que demanda mais trabalho em casa. (D2)

Aprender algo novo requer tempo. Esse fator torna-se ainda mais relevante no caso das metodologias ativas, visto que possui estreita relação com as tecnologias digitais. As gerações atuais de professores e professoras, em geral, têm sua trajetória de vida marcada por um uso diferente das tecnologias, mas precisam ensinar gerações

digitalmente nativas. Ao mesmo tempo, embora as metodologias ativas impliquem em ação, o longo processo de educação baseada no consumo de informação legou à formação docente uma metodologia de mera transmissão (BRANDENBURG, 2017, p.306).

Currículos, metodologias, tempos e espaços estão sendo revistos e, na maioria das vezes, não há um modelo prévio para aprender. Isso pode ser assustador e até paralisante, pois há muito para ser assimilado e testado em pouco tempo. Nesse sentido, dois aspectos aparecem nas respostas docentes. O primeiro trata da formação continuada. Três das quatro pessoas participantes realizaram capacitação em metodologias ativas nos últimos três anos, seja palestra, seminário, curso de extensão ou de especialização. Todas realizaram formação na área do Ensino Religioso nesse mesmo período, seja palestra, seminário, curso de extensão ou de especialização. Todas apontam para a necessidade de formação continuada em metodologias ativas na área do Ensino Religioso.

O segundo aspecto se refere à partilha interdisciplinar de experiências. Segundo uma das pessoas docentes,

é possível unir as disciplinas da Áreas das Ciências Humanas para tais formações [em metodologias ativas no Ensino Religioso]. As trocas de experiências e o enriquecimento com outros olhares enriquece as experiências e as práticas para todos os professores participantes. (D1)

Esses entendimentos vão na direção do que Moran cita como fatores que podem auxiliar na apropriação das mudanças existentes no ambiente escolar e no papel docente. Para ele, a escola precisa ter um plano estratégico das principais mudanças e inovações a serem feitas. Pode incluir o apoio a docentes, discentes e responsáveis que estão mais motivados e motivadas a terem experiências novas e integradoras entre o presencial e o virtual; a capacitação de coordenações, docentes e discentes para trabalharem mais com metodologias ativas, currículos mais flexíveis e inversão de processos (sala de aula invertida, por exemplo); e a aprendizagem mútua e colaborativa, onde são partilhadas experiências, projetos, atividades, soluções. Assim, mudanças incrementais podem fundamentar e alavancar outras mais profundas. (MORAN, 2015, p.31)

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A utilização de metodologias ativas - e a consciência do seu uso, traz contribuições significativas ao processo de ensino e aprendizagem. O fato da maioria dessas metodologias estar relacionada às novas tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) implica em desafios para a prática docente, incluindo o manuseio

das ferramentas tecnológicas, os custos de aquisição ou desenvolvimento e o acesso à internet ou aos equipamentos necessários.

A pesquisa indica que metodologias ativas citadas na literatura já estão presentes no Ensino Religioso, mesmo que de forma tímida ou sem serem nominadas como tais. Ao mesmo tempo, princípios fundamentais das metodologias ativas, como o protagonismo discente, a construção coletiva do conhecimento e a colaboração entre reflexão e ação têm espaço e efetividade na prática docente do Ensino Religioso. Isso sugere uma mudança de concepção do processo de aprendizagem e do papel docente e possibilita que as metodologias ativas sejam aprofundadas e fortalecidas.

Essa dicotomia que parece haver entre a presença dos princípios e a parca menção às metodologias ativas em si fornece indicativos interessantes para a formação docente em metodologias ativas. Pois, é insuficiente saber usar várias metodologias ativas se os seus princípios pedagógicos não forem assimilados. Com o contínuo avanço tecnológico, algumas das metodologias ativas consideradas hoje inovadoras ficarão obsoletas, porém a apropriação de seus princípios possibilitarão que novas metodologias e relações sejam estabelecidas e ressignificadas.

Certamente há muito o que se pesquisar e vivenciar em termos de metodologias ativas e sua relação com a escola e o Ensino Religioso. A inovação tecnológica vivida na educação não se refere somente à adoção de uma metodologia nova, mas de apropriação de um conjunto de metodologias, cada qual com seus desafios e potencialidades, que, articuladas entre si, oportunizam que as pessoas aprendentes assumam o protagonismo de sua aprendizagem.

Isso, por sua vez, traz implicações ao papel do professor e da professora, que agora são vistos como mediadores, curadores, mentores, conselheiros, gestores, entre outras funções. Encontrar-se nesses novos papéis é fundamental para que a docência seja exercida com alegria, efetividade e sentido. Na mesma direção, entende-se o Ensino Religioso. O exercício de um Ensino Religioso que promova o desenvolvimento humano integral e capacite para a convivência plurirreligiosa necessita de permanente pesquisa e formação.

## **REFERÊNCIAS**

BERBEL, Neusi. A. N. As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, [S. l.], v.32, n.1, p.25-40, 2012.

BRANDENBURG, Laude E. A pesquisa e a metodologia no Ensino Religioso. In: JUNQUEIRA, Sérgio; BRANDENBURG, Laude E.; KLEIN, Remí. (Orgs.). **Compêndio do Ensino Religioso**. São Leopoldo; Petrópolis: Sinodal; Vozes, 2017, p.304-307.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CAMARGO, Fausto; DAROS, Thuinie. **A sala de aula inovadora: estratégias pedagógicas para fomentar o aprendizado ativo**. São Paulo: Penso, 2018. *E-book*. Disponível em: <<https://curitiba.ifpr.edu.br/wp-content/uploads/2020/08/A-Sala-de-Aula-Inovadora.pdf>> Acesso em: 07 fev. 2024.

COSTA, Matheus. O. Conteúdos do Ensino Religioso. In: JUNQUEIRA, Sérgio; BRANDENBURG, Laude E.; KLEIN, Remí. (Orgs.). **Compêndio do Ensino Religioso**. São Leopoldo; Petrópolis: Sinodal; Vozes, 2017, p.181-190.

FILATRO, Andrea; CAVALCANTI, Carolina C. **Metodologias Inov-ativas na educação presencial, à distância e corporativa**. São Paulo: Saraiva Educação, 2018.

FONAPER. **Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Religioso**. São Paulo: Ave Maria, 1997.

GAIO, Ariana. **Projetos e Inovação na Educação**. Curitiba: UNINTER, [2019]. 21p. Material didático de aula.

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. **Diretrizes da Política Educacional da IECLB**. Aprovado pelo Conselho da Igreja em 21-22 de novembro de 2003. Disponível em: <[https://www.luteranos.com.br/conteudo\\_organizacao/governanca-suporte-normativo/diretrizes-da-politica-educacional-da-ieclb](https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/governanca-suporte-normativo/diretrizes-da-politica-educacional-da-ieclb)>. Acesso em: 09 jan. 2023.

MORAN, José. Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda. In: BACICH, Lilian; MORAN, José (Orgs.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso, 2018, p.1-25.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria do Estado de Educação. Departamento Pedagógico, União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação. **Referencial Curricular Gaúcho: Ensino Religioso**. Porto Alegre. Secretaria de Estado de Educação, Departamento Pedagógico, 2018.

SCHNEIDER, Joni R.; WACHS, Manfredo C.; BOCK, Valéria F. **Fé e vida - Referencial Curricular para o Ensino Religioso**. v.2. São Leopoldo: Sinodal/Rede Sinodal de Educação, 2019.

WILLMS, Karin. **História e Legislação do Ensino Religioso**. Curitiba: UNINTER, [2018]. 15p. Material didático de aula.